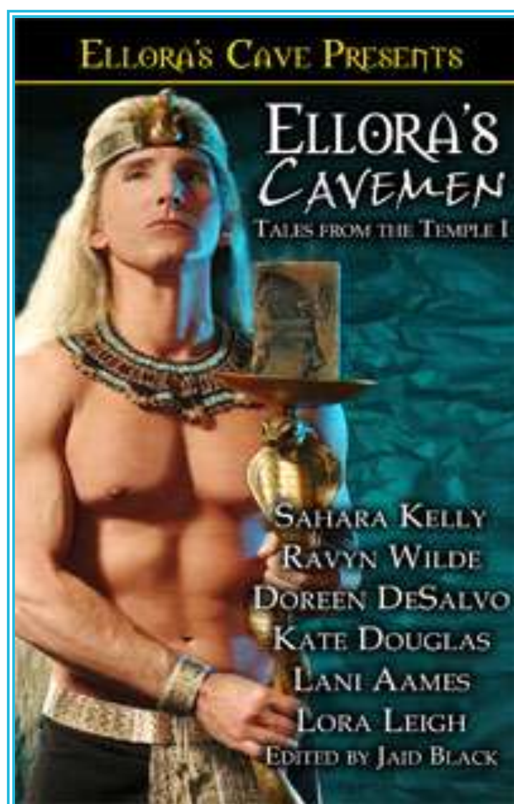
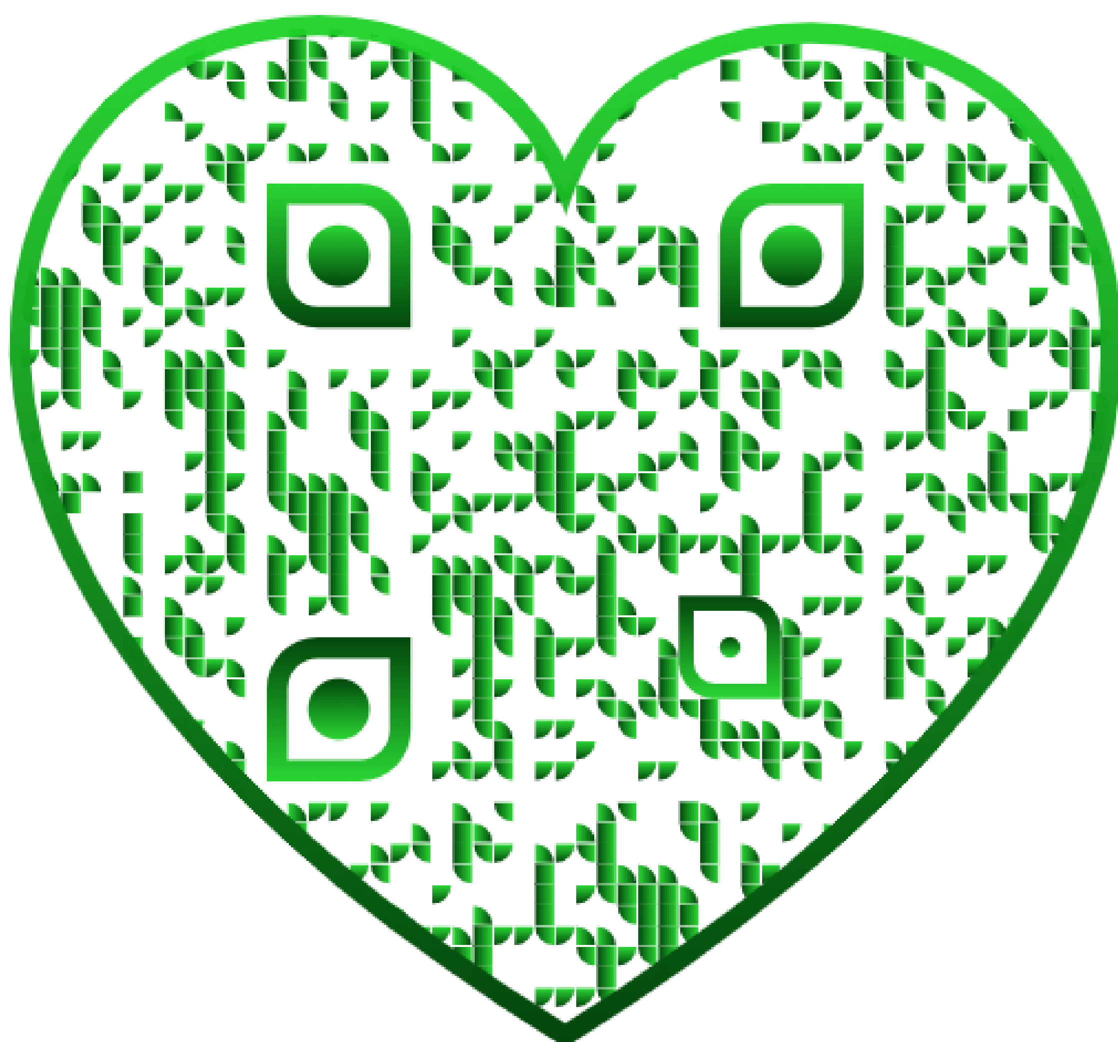


À Sua Mercê

Doreen DeSalvo

Disponibilização/Tradução: YGMR
Revisão Inicial: Danyela
Revisão Final: Kakau
Formatação: Danyela
PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Faith Hartley é uma pesquisadora no campo da metafísica. Ela é também uma psíquica. Ela precisa desesperadamente da aprovação de Jake McIntyre para conceder fundos a fim de continuar realizando pesquisas na universidade. Jake, um membro do conselho universitário é cético até o osso sobre "charlatães" psíquicos, e impiedosamente determinou que Faith não irá receber o dinheiro da subvenção. Ele quer que ela prove suas habilidades psíquicas antes de ele sequer pensar nela. Ele quer que Faith leia sua mente, e arrogantemente acredita que ela não pode. Faith pode ler sua mente, tudo bem. Mas a idéia de admitir o que Jake está pensando em voz alta é um pouco inquietante. Ele está pensando em Faith. Em maus caminhos que faria até mesmo uma dama da noite suspirar em estado de choque...



O homem que seguia o maitrê até sua mesa não podia ser Jacob McIntyre. Era muito jovem. Muito informal, com seu suéter e suas calças, e com um saco que pendurava de um ombro. Mas caminhava com passos decididos e seguros, como um homem acostumado a fazer as coisas a seu modo.

Cravou-lhe o olhar… e uma explosão de consciência lhe inundou a mente, tão repentinamente que a obrigou a tomar ar forçosamente. A tênue música do piano se desvaneceu e um rugido similar às águas de um oceano lhe encheu os ouvidos. As luzes, já tênues neste exclusivo restaurante de hotel, pareciam tornar-se cinzas ao redor dos limites de seu campo de visão até que só os olhos fixos e azuis brilhantes de Jacob ficaram iluminados.

Ela nem sequer tinha tentado lhe ler a expressão, mas conhecia esse ímpeto de sentimentos que emanava dele.

Deseja-me.

Inclusive se ela não o tinha sentido através de uma conexão física, o reconhecimento de seus olhos o teriam feito notar.

Eu gosto das mulheres suaves e voluptuosas.

O que? Wow, estava-lhe lendo a mente. Fazia sem sequer tentar. Isto nunca aconteceu. Ela tinha aprendido a controlar suas habilidades quando jovem. Tinha aprendido as ativar e as desativar a vontade.

Devem ser os nervos. Este subsídio para sua investigação lhe significava muito.

Ela desviou o olhar e respirou fundo e lentamente. Sentiu conscientemente a engomada toalha de linho debaixo de seu dedo indicador e a firme cadeira debaixo de seu traseiro. Retorceu os dedos dos pés dentro de seus apertados sapatos de salto alto. Concentrar-se em sensações corporais sempre a ajudava a conectar-se com a realidade. Sim, assim estava melhor.

Ele se sentou frente a ela e lhe encontrou o olhar equilibradamente. Não devia ter mais de trinta e cinco anos. Muito mais jovem do que esperava de um membro da junta universitária. E muito mais atraente, especialmente com esse suéter de caxemira cor azul marinho, que lhe iluminava os preciosos olhos azuis. Seu rebelde cabelo castanho escuro estava penteado informalmente para trás e lhe deixava ver a alta testa, mas um cacho se deslizava sobre sua orelha como se fosse muito fino para permanecer quieto por muito tempo. Seu nariz era muito grande, mas o fazia até mais atraente. Apesar dessa diminuta falha, era muito formoso. Era todo um bocado, perfeito.

Fez-lhe um breve gesto afirmativo com a cabeça.

– Sou Jake McIntyre. Você deve ser a psíquica.

E você deve ser o cético mesquinho. Muito infelizmente, não podia dizer-lhe. Se o zangasse, teria que implorar para conseguir este subsídio. Ele era o único voto negativo do comitê de revisão.

– Sou uma intuitiva - corrigiu-o ela. – Faith Hartley.

O sorriso de Jake não pareceu sincero. Mas sim desdenhoso. - Acaso é a palavra politicamente correta? Acaso psíquica soa muito a charlatã?

Ela já tinha escutado esse insulto. - Simplesmente é a palavra que prefiro.

Apareceu um moço. – Posso anotar o pedido?

Apesar de ser tarde, ela tinha planejado comer sobremesa. Mas, pelo modo em que se desenvolvia a reunião, não queria prolongá-la. - Só uma xícara de café descafeinado para mim, por favor.

– Eu tomarei uma água mineral. E pedirei o bolo de chocolate.

Maldito. Agora ela se babaria vendo-o comer a sobremesa. Ao menos, sua arrogância lhe apaziguava a tentação de babar-se por ele.

– Não pede sobremesa? - perguntou ele. - O encarregado das sobremesas é lendário.

Certo. Mas ela não queria render-se ante ele, nem sequer em algo tão corriqueiro. - Não, obrigado.

– Tenho lido sua solicitação de subsídio. - disse ele logo depois que o moço se foi. - Francamente, preocupa-me que qualquer participação da universidade pudesse considerar-se como uma brincadeira à comunidade científica. A reputação da universidade já ficou instável depois do estudo da maconha que financiou o ano passado.

Esse estudo da maconha, sim, tinha sido uma brincadeira.

– Não há ponto de comparação. Meu estudo não inclui nenhuma substância ilegal.

– Mas, mesmo assim, encontra-se fora dos limites da ciência. Depois de tudo, a metafísica não é física realmente.

Como se isso o fizesse menos válido.

– Realizaram-se centenas, se não milhares, de estudos científicos sobre os poderes intuitivos. Estudos que se remontam a décadas atrás.

– Estudos não financiados por uma universidade de prestígio. Odeio lhe dizer isto mas tenho pensado em aconselhar à universidade que nem sequer lhe ofereça o espaço físico para levar a cabo o estudo, muito menos que o financie.

Então, por que lhe estava fazendo perder o tempo com esta reunião? Ela se inclinou para frente e apoiou os cotovelos sobre a mesa, preparada para discutir com ele.

Jake baixou o olhar para seus seios. Ao menos não lhe estava lendo a mente esta vez. Mas a expressão dos olhos de Jake, e a sensual inclinação de seus quadris, aceleraram a respiração de Faith.

E, logo, viu uma imagem da mente de Jake, de sua imaginação. Suas mãos lhe desabotoavam a camisa, a tiravam pelos ombros e a deixavam emaranhada ao redor de seus pulsos. Equivocava-se com o sutiã: ele imaginava bege, não branco, e muito mais débil do que lhe exigiam os amplos seios. Na visão, lhe puxava as alças fora do ombro sem dizer uma palavra e lhe baixava as taças para que suas mãos pudessem lhe cobrir os seios nus.

Um súbito calor lhe alagou o rosto. Maldita seja sua pálida pele: deixava ver cada rubor. Talvez ele não o notasse: a vela cintilante da mesa não irradiava muita luz. Ao menos ele não sabia que lhe tinha lido a mente. Nem como o tinha feito. Ela nem sequer estava tentando conectar-se com ele.

Com dedos trementes, ela estendeu sua mão em direção a seu copo de água

e o bebeu de um gole.

– Está bem? - perguntou ele.

– Estou bem. - O que queria dizer antes de ter esse lapso perturbador? Algo sobre o subsídio… ah, certo. A respeito de seu motivo para esta reunião. - Se já tomou a decisão, Sr. McIntyre, surpreende-me que tenha querido reunir-se comigo.

– Me chame Jake.

Logo depois de sua acalorada fantasia, provavelmente pensava que deviam chamar-se pelo nome. Talvez a informalidade os ajudaria a ter uma discussão aberta a respeito de seu projeto.

– Está bem.

O moço apareceu com suas bebidas e o delicioso bolo de chocolate do Jake. Creme de framboesa caía artisticamente sobre o prato com um desenho entrecruzado.

Ele mordeu um bocado e o tragou antes de lhe responder. - Só queria uma desculpa para conduzir até a cidade desde o Monterrey. Lá não temos nenhum restaurante que se equipare com As Quatro Estações.

Ela ficou boquiaberta. Acaso era uma brincadeira?

Ele riu; produziu um som rouco e quente que fez que lhe devolvesse o sorriso contra sua vontade.

– Estou brincando. Falando sério, pensei que era justo lhe dar uma oportunidade de me convencer.

Ele não parecia ser o tipo de pessoa que se convence facilmente. Era muito firme. Muito seguro de si mesmo. Um desses homens exasperantes e inflexíveis que nunca mudam de parecer. Mas ela tinha que tentá-lo.

– Este estudo poderia marcar uma enorme diferença na vida de muitos meninos intuitivos. Estão isolados. Não conhecem ninguém como eles. Meu estudo lhes daria a possibilidade de vincular-se. - Não ter que crescer pensando que estão loucos… como me ocorreu.

Ele parecia ligeiramente interessado, mas não disse nada.

– E, devido a ser um estudo a longo prazo, descobriríamos se ter um grupo de apoio de pares ajuda a que os meninos desenvolvam e melhorem suas habilidades com o tempo.

– Parece bem, em teoria. Só existe um problema. Não acredito que existam as habilidades psíquicas. Intuitivas, corrijo-me.

Uma atitude muito familiar. Ela tinha aprendido a não lutar. - Se está decidido a não acreditar que algo existe, então de maneira nenhuma posso eu lhe fazer mudar de ideia. Colocará por terra qualquer prova que lhe dê.

Os lábios de Jake se encurvaram para formar um pequeno e jocoso meio sorriso. Que boca suntuosa. Uma lástima que a usasse para sorrir com desdém.

– Se pode me dizer algo a respeito de mim que ninguém, e quero dizer ninguém, poderia saber, acreditarei-lhe. Algo específico.

E ele facilmente poderia colocar por terra isso, também. Chamemos coincidência ou digamos que era muito vago para ser específico. Já o tinha escutado antes.

– Espera que lhe prove que sou uma intuitiva?.

Ele assentiu com a cabeça. - Por que não? Façamo-lo agora. - Ele baixou o garfo e a olhou fixo. - Me diga o que estou pensando.

Ela abriu a boca para dizer que não estava preparada, que teria que meditar durante ao menos uma hora, e que ele tinha que estar disposto a que lhe lesse a mente. Antes que pudesse articular palavra alguma, outra imagem lhe inundou a visão. As mãos de Jake lhe puxavam até mais o sutiã, as alças ficavam caídas nos braços de Faith… a abraçava com seu forte braço e a inclinava para trás… lhe chupava o seio, enquanto os mamilos endurecidos se esticavam contra o palato superior de sua boca. Ela sentiu tudo, tal como ele devia senti-lo. Sentiu seu apetite. Sua necessidade.

Deus, lhe estava chegando. Saber o muito que desejava lhe chupar e lhe estimular os seios e o muito que queria lhe pressionar o duro membro contra o estômago lhe gerava um calor que lhe percorria o corpo e se freava apenas entre suas coxas. Seus quadris se retorceram sobre a cadeira e se pressionaram profundamente contra o bordado, tratando assim de aliviar a dor.

A imagem se desvaneceu quando se concentrou no rígido assento da cadeira.

Ele se via condescendente. - Não está preparada para o desafio? Acaso as habilidades psíquicas são algo que tenha que aceitar de boa fé?

Como se a fé e a ciência fossem incompatíveis. Cético típico.

– Seu ego não lhe permite ter um pouco de fé sequer?

– Um pouco de fé? - Ele sorriu… esta vez foi um sorriso acalorado e sensual. Muito melhor que o desdenhoso. “Eu gostaria de ter muito de você, Faith”.

As bochechas de Faith se ruborizaram. E voltou a ver essa imagem: ela em seus braços, com a camisa e o sutiã baixos e os seios cavados em suas mãos. Agradava-lhe ver os braços presos no emaranhado das mangas da camisa e as alças do sutiã. Gostava de tê-la quase indefesa. Ela pôde senti-lo.

– Está pensando em sexo. - disse ela, antes de que pudesse deter-se. - E gosta de dominar à mulher na cama. Só um pouco.

Ele levantou uma sobrancelha. - Com um pouco de sorte, qualquer um poderia adivinhar isso. Sou homem antes de tudo. E estou sentado em frente a uma mulher formosa. E, além disso, acabo de lhe dizer que eu gostaria de ter muito de você.

Ela não ia brigar. Ainda não. Deixou que ele pensasse que tinha ganho e o deixou comer mais de sua sobremesa. Seu sabor era tão bom como seu aspecto. Ela sentiu tudo o que ele sentia, cada sensação, de um modo que nunca antes tinha experimentado. E não tinha vontade de deter a conexão entre eles. Ela nunca havia sentido algo assim. Tão íntimo. Tão excitante.

– É branco. - disse ela finalmente.

– O que?

– Meu sutiã. É branco, e não bege.

Ele tossiu, quase se engasga, e cobriu a boca com o guardanapo. Quando, finalmente, enfrentou-lhe o olhar, via-se atônito. - Como fez isso?

Ela se encolheu de ombros, estava decidida a jogar com calma. - Isso é o que fazem os intuitivos.

Ele mascarou seu assombro com cinismo. Oh, era fácil lhe ler a mente. E ele nem sequer sabia.

– Provemos outra vez - disse ele. - Pensarei em outra coisa. Um pouco mais escuro.

Ela deixou flutuar a mente, a vista relaxada, e esperou… esperou… subitamente, a imagem estava ali. Ela estava recostada nua sobre uma cama, com os seios nus e a saia levantada ao redor da cintura… com a escura cabeça de Jake entre as coxas. Sentiu tudo desde sua perspectiva como se, de algum jeito, ela estivesse dentro de seu corpo. Sentiu seus quadris debaixo de suas fortes mãos, mãos que a imobilizavam… sentiu que suas suaves coxas o acolchoavam a cabeça… sentiu sua úmida e quente pele sob sua boca. Sentiu o deliberado modo em que ele movia os lábios e a língua, como lhe chupava o casulo do clitóris e, logo, o lambia e voltava chupar-lhe, lhe encantava seu sabor. Adorava sua essência. E, oh, o muito que queria que ela gozasse em sua boca. Queria mais que seu próprio orgasmo.

Oh, Deus. Acaso podia existir algo mais sedutor que saber que um homem adorava chupar a concha da mulher? Chupar a ela?

“Poderia te comer a doce concha durante horas”.

Ela se escutou gemer na fantasia de Jake, e sua respiração se entrecortou. Ela pestanejou e se aferrou ao encosto da cadeira, tratando de conectar-se com a realidade. A imagem se desvaneceu, e ela voltou a vê-lo frente a ela na mesa.

Outro rubor lhe acalorou o rosto. - Está pensando em sexo novamente.

Ele levantou uma sobrancelha. - Não, não estava pensando nisso. Tente de novo.

Que mentiroso. Ela olhou a seu redor. Os clientes mais próximos se encontravam a duas mesas de distância. Ninguém a escutaria por sobre a música do piano que alagava o ar. Inclinou-se sobre a mesa até que sentiu o calor da chama da vela no queixo.

– Sexo oral. - sussurrou-lhe.

Isso o sacudiu internamente, e ela não precisava ser psíquica para notá-lo. Ele se limpou a garganta. - Ok. Suponhamos que tenha razão. Como obtém a informação? É como se alguém lhe falasse? É uma imagem? Ou simplesmente uma sensação?

Ela tomou o café de um gole. - Uma imagem. - E sinto o mesmo que você. E penso o mesmo que você, Deus, estou escutando seus pensamentos eróticos.

Ele ainda parecia não estar convencido. - Então, me diga… quão precisa é minha imaginação?

Essa sim que era uma pergunta de peso. Ele não precisava saber que um de seus seios era maior que o outro, ou que seus quadris eram mais largos. O pelo púbico era duplamente suave e mais denso do que ele o imaginou e vários tons mais escuros que o loiro cabelo de sua cabeça.

Jake abriu os olhos azuis de par em par.

– Meu Deus. - disse ele. - Como demônios fez isso?

Ela franziu o cenho. - Fiz o que?

E então o viu: a imagem da fantasia de Jake se modificou, corrigido; agora se

via exatamente como ela. De algum jeito, ele tinha tomado a imagem da cabeça de Faith.

– Não sei. - respondeu ela. - Pensei-o, e você… leu a minha mente.

Ele disse não com a cabeça. – Impossível.

– Então, como o explica?

– Que estou quente como um demônio. - Grunhiu ele enquanto franzia o cenho. “Contigo”, lhe leu a mente, mas não o disse. - E que tenho uma imaginação muito vívida.

Teimoso. Ela ainda sentia a conexão com seus pensamentos, com suas fantasias. E, diferentemente dele, sabia como usá-la.

Imaginou nu: um peito forte e peludo e pernas poderosas. Uma membro grosso, circuncidado, completamente ereto, vermelho e palpitante de calor. Envolveu-lhe uma mão ao redor e começou a bombear.

E, logo, desbaratou a fantasia porque soube que ele a veria.

Os olhos de Jake se arregalaram.

– O quão perto estou da realidade? - perguntou ela. Disse-o com voz tremente, mas não lhe importou.

– Sou— .

– Não me diga isso. - interrompeu-o ela. - Me mostre.

– Como?

– Imagine-o. Imagine-o em sua mente. - Ela o olhou fixo sem pestanejar enquanto se concentrava.

Ele disse não com a cabeça, via-se aturdido. Mas ela o viu de todos os modos.

Seu membro era mais largo. E ele queria que ela bombeasse com mais força. Com mais velocidade. Logo, ela retirou a mão e girou para recostar-se sobre as costas, enquanto colocava as mãos sobre a cabeça com um agarre doloroso. Separou-lhe as pernas com suas poderosas coxas e investiu dentro dela. Faith sentiu seu prazer selvagem.

Sentiu o que sente um homem durante o sexo… nunca se permitiu experimentá-lo antes. Sempre tinha respeitado os limites da privacidade pessoal porque sabia que não quereria que alguém lhe lesse seus próprios pensamentos em uma situação tão íntima. Mas a sensação foi extraordinária.

Uma pegajosa umidade gotejou de entre suas pernas. E não só na fantasia de Jake. Na sua própria.

Ela respirou fundo tremendo. - Detenha-se. - sussurrou ela.

– Você não invadirá minha cabeça. - disse ele asperamente. - Detenha-se você.

– Não posso. - Nem tampouco queria fazê-lo. Ela queria conservar esta imagem, esta fantasia de Jake comendo-a… fodendo-a brusca e rapidamente enquanto ela tinha as mãos baixas e presas. Ela nunca se imaginou atada, nunca quis deixar de ter o controle, até hoje… hoje queria jogar com a fantasia de Jake. Moldaria-a. Daria-lhe forma. Ajudaria-o a convencer-se de que o vínculo psíquico era real.

E enlouquecê-lo ao mesmo tempo.

Imaginou a ela mesma lutando por liberar as mãos de seu agarre. Imaginou a ele grunhindo. Resistindo. Aferrando-a com mais força… agarrando-a com mais força. Mordeu-lhe o pescoço. “Não lute, bebê. Goze para mim”.

“Com mais força”.

“Sim. Toma-o. Toma-o todo”.

Ela gemeu e lhe empurrou os quadris contra o corpo enquanto lutava por subir mais alto… mais acima… Jake afundou a cabeça e seus dentes lhe mordiscaram o seio. Ela gritou ante o ponto de prazer.

Esperava não ter gritado de verdade.

Era hora de mudar de posição. Ela girou e o levou consigo, e lhe cravou as mãos sobre a cama. Olhou-o por cima enquanto o montava, e seus seios ricocheteavam com cada galope.

Ele gemeu. - Está me matando.

Faith pestanejou e o viu sentado frente a ela, a luz da vela piscava sobre os angulosos planos de seu rosto e se refletia em seus intensos olhos azuis. Tinha a boca aberta, e o peito se movia com cada respiração profunda.

– Realmente não me importa como está fazendo isto. - disse ele. - Só quero que vá comigo lá pra cima. Agora.

– Vamos? - repetiu ela com um tom de voz estúpido.

– Tenho um quarto neste hotel. - disse ele com voz escura e urgente. - Passe a noite comigo, Faith.

Oh, ela ficou tentada. Mas, saltar à cama com um homem que acabava de conhecer…?

– Eu tampouco estou acostumado a fazer estas coisas. - disse ele, como se lhe tivesse lido a mente. Talvez o tivesse feito. E ela percebeu a honestidade de sua resposta.

– Mas sei que não está saindo com ninguém. - adicionou. - Não sei como sei, mas sei.

Não, ela não estava saindo com ninguém. E pôde ler que ele tampouco estava comprometido. De fato, sentia-se bastante… sozinho. Mas mesmo assim.

– Não me deitarei com você só para que retire suas objeções a meu subsídio.

– E eu não vou retirar minhas objeções só porque me deitei com você. - E voltou a lhe sorrir lenta e sensualmente. Esse sorriso dizia, deixa que tome.

– Bom, talvez o faça se for realmente boa. Tão boa como eu imaginava.

Uma nervura de coragem se apoderou dela. - Sou melhor.

Os olhos de Jake brilharam. - Então venha comigo. - O tom de sua voz se converteu em um som profundo e necessitado. - Agora. Por favor.

Não era um homem que implorasse por sexo. Ela soube intuitivamente.

Ele se estendeu sobre a mesa e lhe posou a mão sobre a sua. Sua pele estava quente, era suave e, ah, tão masculina. Acariciou-lhe os dedos.

– Desejei-a desde o primeiro momento em que a vi, Faith.

Ela sabia que era verdade. Desejava-a desesperadamente, queria comer-lhe até que gozasse em sua boca, queria fode-la até que lhe aferrasse as costas e voltasse a gozar. Ela o percebeu tão claramente como se ele o houvesse dito em voz alta.

E Deus, ela também o desejava.

– Não tem que deitar-se comigo esta noite. - seguiu dizendo ele. - Mas lhe advirto que não me renderei até que o faça.

Mas ela o acabava de conhecer. Ou acaso já o conhecia o suficiente? Demônios, com semelhante conexão desenfreada entre eles, ela provavelmente o conhecia melhor que à maioria dos homens com os que se deitou. Sabia que ele a desejava. Sabia que não era um doente mental. Sabia que ele não pensava que ela fosse uma mulher fácil.

E sabia que, simplesmente era o suficientemente pervertido para lhe garantir que passaria um momento tremendamente agradável.

Não podia pensar em nenhum motivo para dizer que não. E ah, no muito que queria dizer que sim.

Baixou o olhar em direção à mão de Jake, que lhe cobria a sua com semelhante calidez. Esperava tão pacientemente. Apesar do desesperadamente que a desejava logo depois dessas acaloradas visões compartilhadas, ele ia deixar que ela tomasse a decisão. Sabia que não ele não era assim, que não jogava este paciente jogo da espera. Ele teria preferido jogá-la sobre seu ombro e levá-la à força. Mas queria que ela tomasse a decisão.

E, uma vez que o fizesse, uma vez que a tivesse acima, ele se ocuparia. A comeria até que lhe implorasse para que parasse. Manteria-a imóvel… a comeria enquanto ela lutava.

E lhe encantaria a cada segundo.

Deu a volta a mão e entrelaçou os dedos com os de Jake. - Está bem.

Jake lhe apertou os dedos mas não disse nada. Estendeu a mão livre por trás da cadeira, mexeu no bolso do traje, e extraiu a carteira. As engenhou para tirar um bilhete e o jogou sobre a mesa sem lhe soltar a mão. Como se ela fosse mudar de ideia se o fizesse.

Jake ficou de pé, aproximou-se de seu lado, e a ajudou gentilmente a ficar de pé. Deslizou-lhe o braço ao redor da cintura e a aproximou. A calidez deste corpo alto e forte a fez estremecer.

– Tem frio?.

Antes que ela pudesse responder, lhe pendurou o casaco sobre os ombros. Seu sutil aroma, almiscarado e masculino, lhe fez água à boca, só um pouco.

E, logo, teve uma visão que a deixou gelada. Jake pendurava o mesmo casaco nos ombros de uma morena… Jake sorria à mulher com esse sedutor calor e essa promessa sexual.

Deus, não. Elevou o olhar para observá-lo e sentiu ardentes lágrimas que lhe cravavam os olhos.

– Faith?. - Sua voz soou como se viesse do final de um profundo túnel.

Ela não pôde articular palavra alguma. Só pôde dizer não com a cabeça. Logo se tirou o casaco e correu.

* * * * *

Ela queria sair, simplesmente sair.

Faith seguiu o pôster que assinalava a saída e se viu detida no final de um comprido corredor. A via de escape se encontrava ao outro lado de uma porta com a legenda “Soará o alarme”.

Genial. O que menos precisava era disparar um alarme para equiparar quão psíquica já retumbava em sua cabeça.

Apoiou-se sobre o frio vidro da porta enquanto observava que sua respiração empanava a superfície. Seu reflexo lhe devolveu o olhar fixo, então fechou os olhos. Escondia-se dela mesma. Dava-se um pouco de tempo para tranquilizar-se. Respirou fundo lentamente: um truque de meditação de principiantes para esvaziar a mente. Um truque desprezível. Não deixava de ver o Jake e a essa outra mulher, uma e outra vez, como se fosse um filme apanhado em um círculo vicioso interminável.

Jake.

O homem devia mover-se como um gato, silenciosamente sobre o luxuoso tapete. Mas ela percebeu sua presença um instante antes de que suas mãos lhe tocassem os ombros. Precisou de toda sua força de vontade para não separar-se dele. Ele não merecia esse tipo de rechaço.

– O que aconteceu lá atrás?. - A voz de Jake foi calma, mas ela pôde sentir a ira dentro dele.

– Nada.

– Não seja estúpida.

Ela nem sequer podia zangar-se. Ele tinha razão, estava sendo estúpida.

O contraste entre o calor de seu corpo atrás dela e a frieza da porta contra a parte dianteira de seu corpo a fez estremecer. As mãos de Jake lhe soltaram os braços, e ela sentiu que o temido casaco voltava a posar-se sobre seus ombros.

Ela se estremeceu, mas não lhe chegou nenhuma visão. Simplesmente uma silenciosa preocupação por ela, recoberta de ira e desejo. Ele ainda a desejava… e não ia se render sem lutar.

Girou-lhe o rosto em sua direção. Ela se deixou mover, mas não pôde olhá-lo aos olhos. Em troca, manteve o olhar sobre seu queixo.

– Por que correu?. - Seguiu falando com essa voz tranquila e silenciosa.

Ela não pôde traduzir seu medo em palavras. Ao o ter tão perto, irradiando calidez e compaixão, ela simplesmente queria chorar contra seu sólido peito. Ela não disse nada.

Tocou-lhe o queixo delicadamente, e ela olhou para cima. A expressão do rosto de Jake era séria. - Me fale, Faith. - Um estreito sorriso apareceu nos lábios. - Eu não posso lhe ler a mente, sabe.

Mas ela podia ler a dele. E tinha escutado cada pensamento insensível, cada mentira, cada comentário mordaz, inclusive se ele nunca pronunciou palavra alguma a respeito. Já era o suficientemente negativo com outros homens.

Considerando a falta de controle que tinha com o Jake, ela nunca poderia proteger-se de seus pensamentos.

Como ia poder lhe dizer se tinha medo de um futuro que possivelmente alguma vez se fizesse realidade? Que estava ciumenta de todas as mulheres que tinha visto no passado? Mas lhe devia uma explicação. Faith Hartley não era uma esquenta membro.

Respirou fundo e voltou a lhe olhar o queixo.

– Às vezes, simplesmente sei coisas. Coisas que realmente não quero saber. - Nesse momento, seus olhares se cruzaram. - Coisas que os homens com que saio desejariam que não soubesse.

A resposta de Jake se fez esperar.

– O que viu a respeito de mim?.

A visão se repetiu em sua memória. Deus, essa mulher era formosa. Pequena, frágil, jovem. Completamente diferente de Faith. Ela não pôde falar. Por isso, disse não com a cabeça.

– Faith. - Suas palavras denotaram ira neste momento. - Sou um homem, como todos outros. Você não pode usar meu passado contra mim. Estou seguro de que você também tem um passado.

– Sim, mas você não sabe quando penso nele.

Tocou-lhe a boca gentilmente com o dedo indicador. - Talvez sim. Eu também vim percebendo coisas de você.

Acaso ele sabia o que ela tinha visto? Faith olhou para cima e notou que os olhos do Jake sabiam. E sentiu seus sentimentos a respeito. Já terminou. Fazia muito. Ela sabia que ele não estava mentindo.

– Não estou mentindo - disse ele, indubitavelmente porque tinha percebido os pensamentos de Faith. - Faith, não sei para onde esta… esta coisa que temos se dirige. Não posso lhe prometer que estaremos juntos em um ano, nem sequer em uma semana. - Segurou-lhe os braços com as mãos. - Mas, sim, posso lhe prometer que quero averiguá-lo. Não estou mentindo. E não faço armadilhas.

Ela também pôde notar que isso era certo. Talvez valesse a pena arriscar-se por ele. Podia machucá-la muito… mas, por outro lado, podia fazê-la muito feliz, também.

– E cada vez que se sinta ciumenta - seguiu dizendo Jake, - estou seguro de que eu a zelarei o dobro.

Oh, lhe acreditava, tão dominante como parecia. Faith quase sorriu. - Você? Ciumento?. - Tratou de fingir-se surpreendida.

Jake a puxou contra seu corpo, e ela se aconchegou voluntariamente em sua calidez.

– Sim, sou terrivelmente ciumento. Ciumento, possessivo, territorial. Provavelmente também dominante e arrogante. - Beijou-lhe o alto da cabeça. - Já basta, agora conhece todos meus defeitos.

Ela se inclinou para trás e lhe sorriu. - Não me parecem defeitos.

Sorriu-lhe com arrogância. - Tampouco encontrará algum defeito se subir comigo.

Entretanto, ele via muitos defeitos nela. Faith começou a separar-se de Jake,

mas ele a aproximou a força.

Seus olhos evidenciavam ira. - Não. - ordenou-lhe ele. - Nem sequer o pense.

Tomou a mão e a pressionou contra seu membro, duro e quente, inclusive debaixo do tecido de suas calças. - Sinta o muito que a desejo. - exigiu ele. - A única maneira em que poderia me desiludir, Faith, seria afastando-se de mim.

Olhou-a nos olhos fixamente e teve outra visão: viu-o nu, com os olhos fechados de êxtase enquanto ela se ajoelhava frente a ele e lhe chupava o duro e necessitado membro.

Ele riu sobressaltado e envergonhado; foi mais que uma exalação de ar. Afastou-lhe a mão, levou-a a seus lábios e lhe deu um beijo na palma. - Lamento-o. - balbuciou ele. - Sei que viu isso.

– Não o lamente. - Ela cravou o olhar nele com valentia. - Subamos.

O brilhante sorriso de Jake fez que a respiração de Faith se obstruísse. Abraçou-lhe a cintura e a segurou firmemente. - Não voltará a escapar. - grunhiu ele.

Apesar do sorriso de Jake, ela soube que falava a sério. Seguiria-a, não importava onde tratasse de escapar. Ela respirou fundo e exalou com força.

– Não. - concordou ela. - Não o farei.

* * * * *

Quando saíram do comprido corredor, ele a levou longe dos elevadores em direção ao vestíbulo.

Aonde a levava? Ela riu sem ar. - Seu quarto não se encontra no vestíbulo, ou sim?

Ele se deteve e lhe sorriu. Tão perto dela, seus olhos eram de uma vívida cor azul. - Já não me está lendo a mente?

Disse-o com um sorriso, mas certo elemento do tom de sua voz e da expressão de seu rosto, evidenciava um desafio. Era uma prova.

– Me dê um minuto.

Ela o olhou fixo aos olhos, deixou que sua concentração se relaxasse… e viu que sua mão desenrolava um preservativo sobre seu formoso e ereto pênis.

– Proteção. - disse ela.

Outro afortunado acerto, escutou ela, como se ele tivesse falado.

Faith se separou ligeiramente. - Não estou adivinhando.

Ele se sobressaltou e, logo, sorriu. - Muito bem. Impressiona-me, Faith. E também me assusta um pouco.

– O mesmo digo. - admitiu ela.

Ele pareceu aliviar-se. Inclinou a cabeça. - Beijaria-a aqui mesmo. - sussurrou enquanto lhe respirava ardentemente no ouvido. - Mas, uma vez que comece não poderei me deter.

Ela percebeu uma situação completamente diferente na mente de Jake: suas mãos lhe abriam a camisa com violência e o fazia voar os botões. Ela só precisou mover ligeiramente a cabeça para levar os lábios ao ouvido de Jake. - Isso não é exatamente no que está pensando.

– Não?

– Não. Está pensando que, logo depois de me beijar, começará a me rasgar as roupas.

– Volta a estar certa. - Jake lhe envolveu a nuca com a mão. - Mas, primeiro, desatarei-lhe o cabelo deste ridículo coque.

Ela queria ver-se profissional. Para convence-lo de que sua investigação era valiosa. Ligeiramente ferida, Faith se afastou dele até que pôde lhe ver o rosto. - Não gosta?

Ele produziu um gemido de frustração e completamente masculino. - É formosa, Faith. Mas o coque a faz parecer...

– Séria? Respeitável?

Ele se encolheu de ombros. - Sim. Possivelmente até meio… dissimulada. - Deslizou-lhe a mão ao redor do pescoço; com o polegar lhe acariciou o lábio inferior com um movimento lento e sensual. Ela teve que bloquear os joelhos para não inclinar-se sobre ele. - E sei que não é uma puritana.

Ele voltou a levá-la em direção ao vestíbulo.

– Agora subamos, antes de que mude de opinião e a arraste atrás dessas palmeiras da esquina.

No pequeno quiosque do vestíbulo, Jake agarrou uma caixa de preservativos: uma grande. Se ele ia ter dezenas de orgasmos esta noite, ela não ia poder caminhar à manhã seguinte.

Não ia poder caminhar, mas seguramente sorriria.

Jake olhou ao redor, dirigiu-se a uma prateleira da parte posterior e escolheu uma escova de dentes.

– Necessita algo mais para amanhã pela manhã?

Que consideração de sua parte, tendo em conta que não estava familiarizado com a etiqueta de aventuras de uma noite. Durante uma de suas conexões, ela tinha tido a vaga impressão de que tudo isto era bastante novo para ele; quase tão novo como o era para ela. Quando ele tinha uma mulher, conservava-a como uma relação a longo prazo… não deixava que lhe escapasse. E ele tampouco escapava. Um pensamento reconfortante.

Ela parou sobre a ponta dos pés para lhe sussurrar ao ouvido. Não havia motivo algum para demorar ao empregado. - A única coisa que necessitarei pela manhã será tomar o café da manhã na cama… nua.

Quando voltou a posar-se sobre a planta dos pés, pôde lhe ver o sorriso de lobo. - Posso me ocupar disso.

Pagou ao empregado e voltou a leva-la para os elevadores; manteve-a perto

dele em todo momento. Um reduzido grupo de homens estavam entrando no elevador e um deles lhes manteve aberta a porta.

Jake a puxou mais perto de seu corpo no elevador, apesar do público. Talvez quisesse ocultar a ereção que Faith sentia lhe pressionando o ventre. Mas sua cabeça se aconchegava perfeitamente debaixo do queixo de Jake e o suéter era suave e quente debaixo de sua bochecha, por isso Faith não se afastou de seu abraço.

– Enquanto subiam silenciosamente, ela viu que dois dos estranhos trocaram uma risadinha. Com o braço de Jake ao redor da cintura e seu casaco sobre os ombros, indubitavelmente todos sabiam como pensavam passar a noite. Ela estava muito excitada, inclusive para ruborizar-se.

Jake esticou o braço e a obrigou a aproximar-se de seu corpo. “Consigam suas próprias mulheres”, escutou Faith na mente de Jake. Seu caráter possessivo a fez sorrir. Provavelmente ela pensava o mesmo que ele, mas Jake a fazia sentir-se delicada. Feminina. Ajudava que ele fosse muito mais alto… e que seus músculos fossem sólidos. O amplo peito debaixo de seu suéter era duro como uma rocha.

O público os deixou sozinhos no piso 20. O quarto de Jake se encontrava no último piso. Não disse nada enquanto terminavam de subir, simplesmente a sustentou em silêncio. Ela pôde notar que se mantinha controlado.

O elevador se deteve, e ela escutou que a porta se abria atrás dele. Quando se separou dele, algumas mechas de seu cabelo ficaram presas na incipiente barba de sua mandíbula. Ele os acomodou meigamente atrás da orelha. Logo, pensou ele.

O percurso pelo corredor pareceu eterno. Ela logo que notou vagamente os atenuados spots da parede, o papel de parede com delicados relevos e o suave e luxuoso carpete. Tudo tão elegante e refinado.

Ele abriu a porta e deu um passo atrás para que ela pudesse entrar. Mais elegância: uma mesa com cadeiras, um sofá de vários corpos de um suave tom terra, um alto gabinete de madeira escura que, indubitavelmente, ocultava o televisor. Uma porta aberta provavelmente levava a um dormitório de igual bom gosto.

Ele a puxou gentilmente entre os braços. O casaco caiu de seus ombros enquanto ela inclinava o rosto para cima em direção ao de Jake. Sua carteira caiu no chão e golpeou o tapete com um ruído surdo. Ela apenas o escutou ao ter os lábios de Jake tão perto dos seus. Os dedos de Jake se chegaram por trás de sua cabeça e lhe puxaram o coque até que lhe tirou as fivelas e o cabelo de Faith caiu sobre seus ombros. - Muito melhor. - murmurou ele.

Emoldurou-lhe o rosto com suas grandes e cálidas mãos enquanto inclinava a cabeça e a beijava. Lentamente. Cuidadosamente. Muito cuidadosamente. Ela pôde perceber sua relutância… seu medo de intimidá-la.

– Não se controle. - disse ela. Logo, tocou-lhe os lábios com a ponta da língua.

E Jake enlouqueceu, colocou-lhe a língua na boca e a levou contra a parede enquanto lhe esfregava os quadris contra os seus. Ela gemeu e se pressionou contra ele.

Jake deixou cair as mãos até o peito de Faith e lhe cavou e massageou os

seios. Seus mamilos se converteram imediatamente em picos duros e dolorosos debaixo de seus atormentadores dedos. O brilho de uma imagem explorou em sua consciência: as mãos de Jake lhe rasgavam a camisa.

Ela o tirou os pulsos e girou a cabeça para afastar de sua arrasadora boca. - Não.

Ele gemeu. - Não?

Pensou que ela o estava detendo. E sua ira era tão feroz e primitiva que ela teve que sair de sua mente. Demorou um momento em concentrar-se e voltar para a realidade… e inclusive nesse momento, a paixão a desestabilizou ligeiramente.

– Não me rasgue a camisa. - disse ela. - É uma de minhas preferidas.

Ele se separou dela e a olhou com uma expressão especulativa no rosto. - Você tem uma vantagem injusta sobre mim, Faith.

Ela pestanejou. Como podia soar tão racional logo depois desse apaixonado beijo? - Sério?

Ele assentiu com a cabeça. - Pode ver tudo o que quero lhe fazer… e me detém antes de que o faça.

– Não posso evitá-lo. - disse ela. - O que está pensando simplesmente me chega. - Ela nem sequer se preocupou em explicar que isso só lhe ocorria com relação a ele. Com as demais pessoas, ela tinha que trabalhar conscientemente para conectar-se.

– Hmm. Talvez possamos equiparar as forças no campo de jogo.

A expressão especulativa de seus olhos a assombrou. - Como?

O sorriso de Jake se evidenciou pecaminosamente. - Se você não souber o que estou pensando, simplesmente terá que surpreender-se.

Então ela o viu: viu a si mesma atada. Nua. Com os braços e as pernas estendidos.

Santo Deus.

Ele a puxou pela mão e a levou ao quarto. Sim, tinha tanta classe e bom gosto como ela imaginou. E logo estaria nua e suando sobre essa luxuosa cama.

Com este homem sensual e atraente.

Ela estremeceu.

Posou-lhe as mãos sobre os ombros com um toque gentil e dúbio. Ela adorava sua delicadeza, o modo em que moderava seu natural caráter dominador. Jake queria lhe rasgar as roupas com essas grandes mãos, queria lhe segurar os pulsos entre seus largos dedos e lhe segurar os braços atrás das costas, mas não queria machucá-la. Não queria que tivesse medo.

Não muito.

Ela inclinou a cabeça e lhe roçou a bochecha contra o dorso da mão. - Faça o que deseje.

Apertou-lhe ligeiramente os ombros. - Diz isso porque pensa que sabe o que quero.

Não, não era assim. Não exatamente. Mas sabia o que queria que ela dissesse. Faith teve que fechar os olhos para ocultar os dele, antes de poder dizê-lo. - Sou toda sua esta noite, Jake. Só quero agradá-lo.

Ele não disse nada, mas deslocou os dedos para baixo para sua blusa e a

desabotoou. Deslizou-lhe o tecido pelos ombros e a deixou pendurando de seus braços, os pulsos abotoados ficaram presos nas mãos. Tal como a primeira visão que tinha tido no restaurante.

O dedo indicador de Jake se deslizou para baixo pela parte dianteira do corpo de Faith e seu olhar lhe seguiu o rastro. - Isto ainda parece seguro, não? Viu-me pensando nisto antes.

Ela assentiu com a cabeça.

– E me teria detido se o tivesse visto… se, de algum jeito, tivesse percebido que eu estava a ponto de ir além de sua zona cômoda.

– Talvez. Não sei.

Jake lhe cavou os seios com as mãos e, logo, explorou-lhe as costas. Ela o sentiu brincando com os ganchos de seu sutiã.

– Está acostumada a ter o controle. - disse ele. -

Não tenho o controle contigo.

– Sabe exatamente o que um homem deseja lhe fazer. - seguiu dizendo ele. - Detém-no antes de que prove seus limites.

Ela não podia recordar a nenhum outro homem, só a ele: o duro peito debaixo desse suave suéter de caxemira, as mãos que lhe desabotoavam o sutiã. Os seios de Faith se desabaram quando as alças ficaram presas nas mangas de sua camisa, que ainda pendurava dos pulsos.

– Por isso me deseja. - seguiu dizendo Jake. - Porque não deixo que me detenha.

Ela já se esqueceu do que ele estava dizendo; a acalorada expressão de seus olhos enquanto lhe olhava os seios nus de cima lhe desbaratou todo pensamento possível.

– Quero o controle, Faith.

– Sim. Eu lhe darei o controle. - ela respondeu.

Ele sorriu com picardia. - O controle não pode dar-se. Toma-se.

Ele afundou a cabeça e lhe apanhou um mamilo com a boca, chupou-o com força e utilizou a língua para lhe pressionar o seio contra o palato superior. Envolveu-lhe os braços ao redor do corpo e a sustentou com firmeza contra seu sólido peito. Faith não pôde mover as mãos para aferrá-lo; estavam presas no emaranhado de sua camisa e sutiã.

Ele afastou a cabeça e ofegou por fôlego contra a sensível pele entre seus seios. - Vou tomar o controle. O controle total.

– Eu não o deterei.

Ele riu em tom grave. - Vou assegurar-me de que não possa fazê-lo.

A respiração de Faith se obstruiu pelo tom sensual de sua voz. Parecia uma promessa.

Ou uma ameaça.

– Sim, é uma promessa. - disse ele.

Jake lhe tinha lido a mente. Ela já não tinha o controle: estava completamente descontrolada, sua intuição se voltava selvagem, como se existisse uma corrente viva entre suas mentes.

Ele se moveu atrás dela e Faith sentiu seus dedos contra seu traseiro;

desabotoavam-lhe a saia. O zíper ressonou como um comprido e lento arranhão na quietude do quarto. Jake lhe baixou tudo de um só puxão: a saia, as meias de nylon, a calcinha; todos os objetos ficaram feito uma bola à altura dos joelhos. A Faith adorou estar semidesnuda, com os objetos puxados caoticamente e deixando ao descoberto as partes que ele queria ver. Nunca se havia sentido tão…suja. Tão desejada.

– Dê a volta. - ordenou ele.

Acaso esperava que ela resistisse? Já a havia visto nua: lhe tinha devotado uma imagem bastante precisa. E sabia que lhe parecia sensual.

Enfrentaria-o nua. Tirou os sapatos e se inclinou para terminar de tirar as roupas.

– Acaso lhe disse que se despisse? - O tom de sua voz era grave. Quase ameaçador.

Ela se paralisou. - Não.

Jake lhe acariciou o traseiro nu com a mão; foi uma carícia acalorada e sedosa.

– Faith, a travessa. - murmurou ele. - Já me está desobedecendo. - Passou-lhe o braço livre ao redor do estômago e a puxou contra seu peito. Encontrou-lhe a raia do traseiro com os dedos e baixou uma polegada… e outra mais… - Terei que castigá-la. Talvez te dê um tapa no delicioso traseiro.

Faith lhe aferrou os antebraços com os dedos. Acaso ele realmente—

Deu-lhe uma palmada no traseiro, e o agudo golpe a fez saltar.

– Surpreendida? - murmurou ele; sua profunda voz lhe enviou vibrações ao longo da sensível pele do pescoço. - Estou recebendo pequenos flashs de imagens de você. Pensei que isto das visões psíquicas era mútuo.

Enquanto Jake movia os dedos mais lentamente e se aproximava de seu dolorido clitóris, Faith nem sequer podia pensar, muito menos falar. - É… esporádico. Não vejo tudo. É como você disse… são pequenos flashs.

Ele se afundou dentro dela com apenas uma provocadora ponta de seu dedo. - Você viu essa pequena fantasia que tive de lhe chupar a concha, não?

Ela assentiu com a cabeça.

– Viu-me lhe lambendo todo o suco?

A respiração de Faith se obstruiu. Ela voltou a assentir com a cabeça.

– Acaso lhe importaria que lhe diga coisas obscenas, Faith?

Lhe importar? Lhe encantaria. - Não.

– Má sorte. Porque vou fazer de todos os modos.

O dedo de Jake, úmido por seu sedoso fluido, deslizou-se com facilidade para cima por seu traseiro. Pressionou-lhe o ânus por um segundo.

Ela ofegou, e seu corpo se esticou.

– Não viu isso, não? Não me viu pensando em lhe foder esse formoso traseiro?

Oh, Deus. Ela disse que não com a cabeça.

– Então, imagino que terei que dizer-lhe. - Jake se inclinou e lhe respirou ardentemente no ouvido. - Te imaginei de quatro. Eu me ajoelhava atrás de você e a tocava tal como o estou fazendo. E você me implorava que o fizesse.

Talvez. Embora nunca o tivesse feito antes.

"Eu tampouco", Faith escutou a resposta de seus pensamentos.

Seu dedo voltou a provocá-la, pressionava-lhe gentilmente o tenso ânus. - Deixaria-me entrar aqui, Faith?

– Não… não sei.

Grunhiu-lhe contra o pescoço e a fez estremecer com as ameaçadoras vibrações. - Disse que queria me agradar. Que podia fazer o que quisesse.

Sim, era certo. E ela confiava nele. Confiava intuitivamente. Ela tinha estado dentro de sua cabeça, de seu coração. Sabia que tinha bom coração. Que era um bom homem dominador. Ele tomaria o controle… e o faria pelo bem de Faith.

– Sim. - disse ela temerariamente. - Deixarei-o. Até deixarei que simule que me está forçando.

Ele gemeu. Voltou a deslizar os dedos para baixo, retornou ao sensível ponto atrás de sua vagina. - Não tem ideia alguma de quão tentadora é. Mas não esta noite. - murmurou ele.

– Por que não? A voz de Faith estava rouca.

– Não tenho lubrificante. E não a deixarei para conseguir um.

Voltou a lhe afundar o dedo na vagina. - Além disso, desejo entrar aqui tanto como ali.

Oh, sim.

Ele a soltou e se afastou dela lentamente.

– Agora, dispa-se. - disse-lhe ordenando.

Ela nunca tinha deixado que um homem lhe desse ordens. Ele tinha tido razão: ela estava acostumada a ter o controle. Nunca tinha acreditado o suficiente em um homem para entregar-se completamente.

Até este momento.

Faith puxou torpemente um dos pulsos da camisa e o tirou pela mão. Logo o outro. O sutiã saiu com a camisa em um emaranhado de tecido.

Jake nunca deixou de olhá-la. Quando ela se inclinou para tirar a saia e as meias, seus olhares se cruzaram… e ela voltou a receber suas visões mentais. Viu-o empurrá-la contra a cama, voltar e inclinar-se sobre ela. Logo, ele se ajoelhava e lhe pressionava o rosto entre as pernas por trás. Os lábios de Faith se retorciam, então ele os apanhava e a sustentava firmemente, voltava-a a forçar contra a boca. Deus, como desejava comê-la!

Ela cambaleou ligeiramente e estendeu os braços em busca de algo sólido. Uma de suas mãos deu contra a parede e Faith se apoiou sobre ela. Ali. Estabilidade. Conectou-se com a realidade ligeiramente, mas não o suficiente para perder a conexão com o Jake. Logo, tirou os objetos com ímpeto; estava ansiosa por subir a essa cama com ele.

Quando terminou de despir-se, caminhou corajosamente para ele enquanto deslizava as mãos debaixo da parte inferior de seu suéter. A pele de Jake era quente e suave por sobre músculos firmes. Ele não levantou as mãos, não a tocou para nada. E ela não pôde lhe ler a mente. Talvez estivesse muito excitada. Sentiu-se gloriosamente malvada enquanto se esfregava nua contra o corpo vestido de Jake.

– Não quer me tocar? - perguntou ela.

Então, ele se moveu: segurou-a pelos pulsos e os separou… enquanto lhe segurava os braços nas costas. - Ainda tem o controle, Faith.

Ele voltou a empurrá-la contra a parede, fez-o tão rapidamente que ela quase cai no chão. O sólido calor do corpo de Jake se pressionou contra a frente de Faith. A textura sedosa de seu suéter contra seus seios nus lhe gerou um gemido.

A boca de Jake desceu abruptamente sobre a sua, lambeu-lhe e mordiscou os lábios para provocá-la. Ela tratou de abraçá-lo, de tocá-lo, mas as mãos de Jake ainda lhe sustentavam os pulsos.

A coxa de Jake lhe separou as pernas com ímpeto e se pressionou contra sua concha.

– Abre as pernas. - balbuciou ele.

Ela o fez.

Subitamente, soltou-lhe as mãos. Jake retirou a coxa e seus malandros e hábeis dedos se encontravam entre as pernas de Faith; deslizavam-se, acariciavam-na, investigavam-na. Sua mão a voltava louca. E a conexão entre eles se fortaleceu, até que ela pôde sentir o mesmo que ele, pôde sentir seu úmido calor contra seus dedos, seus mamilos lhe roçando o peito. Ela gemeu e se apoiou contra a parede enquanto se aferrava a seus ombros.

– Já não posso esperar. - murmurou-lhe ele sobre o pescoço. Pôs-se de joelhos e lhe pressionou a boca entre as pernas, lambeu-a, a chupou e gemeu contra ela. Ela estendeu os braços às cegas e lhe encontrou o sedoso cabelo enquanto emaranhava os dedos nele à medida que os lábios e a língua de Jake a devoravam. Ela pôde sentir seu apetite enquanto a chupava avidamente. Deus, ela quase pôde saborear a si mesma.

“Me diga o que necessita, Faith”.

“Vamos. Oh, ali. Ali!”

“Mmm”.

“Sim, sim.”

Ele sabia exatamente o que fazer, como se sentisse o mesmo que ela. Talvez o fazia. Tal como ela sentia seu prazer, como desfrutava ao comê-la. Ela soube o momento preciso em que seu membro começou a esfregar-se contra suas calças. Pôde sentir sua necessidade tanto como a sua própria. E a paixão de Jake acentuava a sua, levava-a a uma altura incrível que nunca tinha conhecido, até que Faith deu um grito e acabou com um orgasmo sonoro e tremente que a deixou esgotada e palpitante.

Jake lhe passou os braços ao redor da cintura e ofegou contra seu estômago. Soou tão sem fôlego quanto ela. E nem sequer tinha acabado. Esfregou-lhe o úmido montículo do abdômen para frente e para trás.

“Eu adoro as mulheres exuberantes.”

“Eu mesma sou bastante exuberante.”

Jake riu em tom grave, como se lhe tivesse lido a mente. Devia havê-lo feito.

Logo depois de lhe acariciar o ventre pela última vez, ficou de pé e lhe deu um beijo profundo, um beijo que tinha o aroma de seu próprio sexo. Ela sabia que queria comê-la. E estava mais que preparada. Ele se retirou, puxou-a pela mão e a

levou a cama. - Recoste-se.

Outra ordem. Ela obedeceu mansamente: recostou-se sobre o lado do corpo e apoiou a cabeça em uma de suas mãos. Ele se dirigiu à cômoda, abriu uma gaveta, e voltou com um trapo na mão.

Uma gravata. Duas gravatas.

A respiração de Faith se entrecortou.

Ele se sentou na cama e lhe deslizou uma mão pelo pescoço e os seios com uma carícia longa e lenta. Seus dedos lhe estimularam o endurecido mamilo. Com sua mão livre, empurrou-lhe o ombro para fazê-la cair sobre as costas. Logo, levantou as mãos sobre a cabeça de Faith. Passou-lhe uma das gravatas ao redor dos pulsos e lhe aprisionou as mãos em uma prisão de seda.

Ficou de pé e a olhou de cima; tinha a outra gravata na mão. De repente sorriu. - Teria que ter trazido mais gravatas.

Ele se inclinou sobre ela com o suéter só polegadas de seu rosto, e voltou a brincar com suas mãos.

Ela tratou de baixar as mãos mas não pôde as mover. Ele devia havê-la atada a uma das fitas de seda da cabeceira.

– Agora não posso tocá-lo. - disse ela.

Ele lambeu o antebraço de cima para baixo… foi um toque úmido e quente que a fez tremer.

– A ideia é essa. Eu me ocuparei dos toques por ambos.

Quando saiu da cama, ela deu a volta para ver como se despia. Seu peito era formoso: poderoso, largo e ligeiramente peludo. Ele abriu as calças de um puxão e, logo, os tirou junto com a cueca.

Ela teve que esforçar o pescoço para olhá-lo mas valeu a pena fazê-lo. Deus, sim que era sensual. Alto e musculoso, mas não muito volumoso. Seu membro, duro e vermelho, encontrava-se totalmente ereto contra seu estômago.

Ela tratou de estender os braços para alcançá-lo e as ataduras a sujeitaram com firmeza. Ah. Esqueceu-se por um segundo de que estava atada.

A sua mercê.

Ele se ajoelhou sobre a cama e lhe deslizou uma mão sobre o ombro, para cima pelo braço até chegar à atadura dos pulsos. “É minha”, pensou ele.

“Sim.”

Ele se ajoelhou sobre ela e puxou a gravata.

– Firme e segura. - comentou. - O que sente ao estar atada? Ao não ter o controle?

Jake queria que ela tivesse medo. Só um pouco. - Terror.

Ele se paralisou. - Muito terror? - Desataria-a se ela o pedisse. Acaso ele não se dava conta de que isso era o que menos queria?

– Não. - sussurrou ela.

– Bem. Mas, só por via das dúvidas, necessitamos uma palavra segura. - disse ele.

– Uma o que?

– Uma palavra segura. Uma palavra que possa me dizer se quiser que me detenha.

– Acaso não poderei simplesmente lhe dizer que pare?

Um sorriso fantasma apareceu nos lábios do Jake. Pequena e iludida Faith. - Pode me pedir que pare mas não querer isso de verdade. Para simular que está lutando. - Ele se inclinou para aproximar-se até que ela sentiu sua ardente e provocadora respiração no ouvido. - Talvez isso eu goste. - sussurrou ele.

Ela estremeceu. - Mas se posso detê-lo, você não terá realmente…

– Não terei realmente o controle?

Ela assentiu com a cabeça.

Jake lhe posou um delicado beijo. - Não quero fazer nada contra sua vontade, Faith. Quero poder me deter se realmente se assustar muito. Mas necessitamos uma palavra que não seja provável que diga em brincadeira.

Ela não podia pensar em nada. Nada exceto esse incrível calor do peito do Jake pressionando-se contra o seu, salvo as carícias provocadoras desse fino e suave cabelo contra sua bochecha.

A língua de Jake se deslizou entre as dobras de sua orelha. - Violino. - sussurrou ele.

– O que?

– Se quer me deter, diga violino.

Ele tocava o violino. Ela pôde senti-lo. Mas não acreditava que o tocava bem. Não cabia dúvida alguma de que era um perfeccionista, inclusive quando se tratava de seus passatempos.

Beijou-a; sua boca lhe roçou ligeiramente a sua e a provocou. Quando ela tratou de levantar a cabeça para aprofundar o beijo, ele se retirou. Percorreu-lhe o olhar das mãos atadas até as pernas. - Acaso sabe o que me gera vê-la assim? Saber que posso lhe fazer o que eu deseje?

Oh, sim sabia. A luxúria pura alagava a psique de Jake. - Tenho… tenho alguma ideia.

– Farei que também lhe agrade. - disse ele.

– Já me está agradando”, admitiu ela.

Jake levou a boca para o pescoço de Faith e, com a língua, deixou-lhe um rastro de fogo na pele. - Mmm. Vou lamber-lhe cada polegada do corpo.

Oh, sim. - Está bem.

Ele riu em tom grave; foi um som que retumbou contra o pescoço de Faith. - Não poderia me deter se quisesse.

Ela não ia querer.

– Talvez faça algo que não lhe agrade. - murmurou ele.

Uma aguda mordida a fez ofegar. O calor irradiava do lugar onde lhe tinha mordido o pescoço. - Deixará-me um machucado.

– E? - Ele voltou a lhe morder o pescoço. Esta vez, fez-o com mais delicadeza mas, provavelmente, com suficiente força para lhe deixar um machucado. - Quero lhe deixar minha marca em todo o corpo.

– Já o fez.

Faith sentiu um ímpeto de ternura nele, como se lhe tivesse devotado mais que um completo. - Você faz bem a meu ego, Faith.

Ele definitivamente não parecia ter problemas com seu ego. Ou

possivelmente ocultava sua vulnerabilidade por trás dessa máscara de arrogância.

Voltou a lhe morder o pescoço; esta vez, mais acima, no sensível ponto apenas debaixo da orelha. Ela se retorceu na cama, pressionou as coxas uma contra a outra e desejou que ele a tocasse nesse lugar… desejou que lhe chupasse a concha… demônios, desejou que a comesse. Esse primeiro orgasmo a tinha deixado preparada. Vazia e dolorida por mais.

– Paciência. - sussurrou ele. - Primeiro lhe deixarei minha marca. Em todo lugar.

Jake deslizou a boca até a clavícula de Faith e lhe roçou o queixo levemente com o cabelo. Primeiro a lambeu e, depois, mordeu-a. Percorreu-lhe a clavícula com a língua e, logo, desceu até o seio. Raspou-lhe o mamilo com as afiadas pontas dos dentes. Certamente não a morderia nesse lugar.

Apanhou-lhe o seio na boca e o sustentou delicadamente entre os dentes, ameaçadoramente. Logo, lambeu-lhe o mamilo de um lado a outro com a língua. Os braços de Faith se esticaram contra as ataduras. Se ela tão somente pudesse manter a cabeça de Jake nesse lugar.

Ele se retirou, enquanto deslizava a boca para o lado de seu seio. Mordiscou-a e ela deu um grito.

Ele levantou a cabeça e estendeu o braço para lhe cavar o rosto com uma mão. “Machucada?” Leu-lhe a mente antes de que falasse. “Machuquei-a?”

Ela disse não com a cabeça. - Não. Só me sobressaltou.

Chupou-lhe os seios por um comprido momento, lambeu-lhe com a língua e deixou que Faith sentisse sua ardente respiração sobre a úmida pele. Quando ele levantou a cabeça, cavou-lhe os seios com as mãos.

– Tão formosa. - murmurou ele. Ele se levantou sobre ela, e inclinou o peito sobre o dela e se afundou para beijá-la profundamente. Ele não pôde decidir o que fazer com ela.

“Me coma.”

Ele riu em tom grave.

Oh, agora sim que a ia provocar. Maldição.

Jake se deslizou para baixo pelo corpo de Faith: passeou-se levemente por seus seios e lhe chupou o estômago com força. Quando se retirou, ela percebeu o muito que lhe agradava ver essa pequena marca vermelha enquanto já se formava a contusão.

O umbigo de Faith se alagou de umidade ardente: a língua de Jake. Jake seguiu lambendo-a até o quadril e, logo, a mordiscou. Ela sentiu que a língua do Jake se deslocava para baixo por sua coxa, quente e úmida.

– Abra as pernas. - disse ele.

A respiração de Faith se obstruiu. Certamente não a morderia—

– Faça-o. - ordenou-lhe.

Ela separou os pés dubitativamente, apenas umas polegadas. Jake lhe enterrou o rosto entre as pernas e o esfregou para frente e para trás, e ela abriu até mais as pernas; só desejava sentir o prazer que a hábil língua do Jake lhe podia oferecer.

Chupou-lhe o clitóris com força, e ela gemeu pelo agudo prazer que isso lhe

gerou. Jake lhe colocou um dedo, profunda e rapidamente: retorceu-o contra as paredes internas enquanto a chupava com a boca. Oh, sim. Ela acabaria em um minuto… em só um minuto… oh, apenas outro minuto…

De repente, ele girou a cabeça e lhe mordeu a parte interna da coxa. Ela deu um grito de surpresa.

E, logo, Faith sentiu que Jake lhe sorriu contra a perna.

Tinha-a deixado à beira do orgasmo. De propósito. Só para atormentá-la.

Maldito.

Jake tinha sorte de que Faith tivesse as mãos atadas.

Ele se deslocou para cima e estendeu o corpo contra o lado do de Faith sem lhe tirar os dedos de entre as pernas, enquanto lhe roçava ligeiramente o clitóris. Muito ligeiramente. Muito como para que ela chegasse ao orgasmo.

Faith retorceu os quadris e o toque de Jake se voltou até mais ligeiro. Mais provocativo. - Jake, por favor.

– Por favor, o que?

Ela gemeu. - Sabes.

– Talvez. Mas não o farei até que me peça isso como deve ser.

– Por favor… o desejo dentro de mim.

Pressionou-lhe um dedo muito profundo dentro dela. - Lá.

Ela se aferrou a ele, gemendo. - Sabe o que quero dizer.

Ele a beijou, encheu-lhe a boca com a língua. Quando se retirou, ela apenas pôde concentrar-se em seu rosto através da neblina de sua necessidade.

Um segundo dedo, comprido e ardente, uniu-se ao primeiro, abriu-a e entrou com um ritmo malicioso. - Estou dentro de você. Não é isso o que me tinha pedido?

Deus, provocaria-a até morrer. - Por favor, Jake. Por favor.

Jake moveu a mão com embates lentos e parecidos, e lhe roçava o clitóris com cada golpe. Ela se mordeu o lábio para conter um gemido.

– Acaso não é o que desejava?

Ela disse que não com a cabeça.

– Me diga.

“Sabe, maldição.”

“Diga-o.”

Ela fechou os olhos para ocultá-los de seu olhar cúmplice. - Seu membro. - sussurrou ela. - Desejo ter seu membro dentro de mim.

Ele se levantou de sobre seu corpo e, logo, ela sentiu que o colchão se afundava debaixo de sua cabeça. Algo quente, duro e ardente lhe roçou os lábios. Ela ofegou e abriu os olhos.

Jake se encontrava de joelhos sobre sua cabeça com o membro contra sua boca.

– Aqui tem. - disse ele. - Meta meu membro dentro. Tal como o pediu.

Ela podia recusar-se. Mas a necessidade transbordava de Jake em grandes ondas, a necessidade de que ela o desfrutasse assim, a necessidade de dominá-la. E ela precisava agradá-lo da mesma maneira.

Então, ela abriu a boca e meteu a cabeça de seu membro dentro, chupou-a delicadamente enquanto lhe formava redemoinhos com a língua ao redor.

“Deus, sim.”

Ela não pôde discernir quem o tinha pensado.

Tocou-lhe a mandíbula com uma de suas fortes mãos enquanto sentia que sua boca se movia sobre ele. Jake meneou os quadris para trás e para frente produzindo embates superficiais que a fizeram desejar poder meter-lhe mais profundamente, poder sustentá-lo com força contra seu próprio corpo.

Faith nunca tinha desfrutado tanto disto. Percebia exatamente o que ele necessitava, sentia seu prazer… era quase como se se estivesse agradando ela mesma. E inclusive se não tinha percebido o muito que agradava isto a Jake, seus ofegos e gemidos teriam sido suficientes para que se desse conta. Ela o chupou com mais força e produziu pequenos ruídos ao redor de seu membro.

Ele gemeu. A boca de Faith produziu um suave som de sucção enquanto ele retirava a verga… apenas um instante antes de acabar. Ela também percebeu isso.

Jake se recostou a seu lado, pressionou seu corpo contra o de Faith, e sua mão lhe voltou a encontrar a concha, colocou-lhe os dedos e a provocou. Ele sabia exatamente como mantê-la ao limite. Não cabia dúvida de que podia percebê-lo, tal como lhe lia a mente.

Talvez ele podia perceber o condenadamente desesperada que estava ela.

“Me coma.”

– Não posso escutá-la. - disse ele.

Maldita seja sua arrogância. “Sei que me escutou sim.”

– Diga-o. - exigiu ele.

Bem. Ela faria tudo o que fosse necessário.

– Me foda. - disse ela.

Beijou-lhe a bochecha. - Está-se ruborizando.

Não cabia dúvida. - Nunca antes disse isso a um homem. - admitiu ela.

Roçou-lhe a boca com os lábios no mais ligeiro dos beijos. - Sei. Por isso queria que me dissesse isso.

Que doce. Se ela pudesse mover-se, haveria-lhe devolvido o beijo.

Jake não deixou de lhe acariciar o sexo com a mão e lhe deslizou os dedos dentro dela. Não realizou movimento algum para cobri-la.

Não vai f… - Ela não pôde voltar a dizê-lo.

– Paciência.

Como Jake podia ser tão paciente? Ela se estava morrendo por suas provocações… estava dolorida, retorcia-se e gritava. Se tivesse as mãos livres, ela também o deixaria louco. “A próxima vez.”

Ele apoiou a cabeça sobre uma mão e lhe olhou o rosto de cima enquanto seus dedos a torturavam. Olhar esses brilhantes olhos azuis enquanto sua mão a enlouquecia era muito. Muita intimidade. Ela teve que fechar os olhos.

Mas, até com os olhos fechados, leu-lhe a mente, os sentimentos. Encantava-lhe provocá-la assim. Queria que lhe rogasse. Que lhe rogasse dominação. Queria que lhe dissesse coisas sujas.

Faith respirou fundo estremecedoramente e abriu os olhos. - Me foda, maldição! Me foda ou me faça gozar com a mão.

Lambeu-lhe o clitóris com a ponta da língua e a fez ofegar.

– Tão exigente. - murmurou ele. - Acredito que se esqueceu quem manda aqui.

Ele levantou a mão de entre suas pernas e, logo, incorporou-se sobre os joelhos a seu lado. - Talvez nem sequer a foda.

Uma ameaça ociosa. Mas ela não podia suportar que ele não a tocasse.

– Por favor. - rogou ela enquanto se esticava contra as ataduras e girava o corpo tanto como podia para enfrentá-lo. - Sinto muito. Por favor… me toque de novo.

– Primeiro o castigo. - O tom de sua voz foi rígido. Mas ela sabia que não estava zangado realmente. Simplesmente queria… jogar com ela.

Jake lhe pegou o quadril, fez-a girar sobre o corpo para que lhe desse as costas. Os laços atavam-lhe os pulsos, lhe esticando os braços. Aproximou-a da cabeceira com um empurrão para lhe afrouxar algo da pressão sobre seus ombros. Devia ter percebido seu desconforto.

Mesmo assim, ainda tinha intenção de castigá-la.

Deslizou-lhe a mão pela curva do traseiro. - Tem o traseiro mais ardente que vi na vida.

Genial. Estava-a comparando com outras mulheres.

Uma aguda dentada no traseiro a fez ofegar e tratar de separar-se dele. Logo, Jake lhe cravou uma dura palmada. - Vou fazer que esteja até mais quente. -

Deu-lhe outra palmada. E outra mais. Isso lhe fincou e esquentou a pele ligeiramente. Jake sabia exatamente com quanta força devia golpeá-la… suficiente para que a pele dela formigasse e para que desejasse mais.

E ela também sabia o que ele queria. Faith se separou de Jake enquanto choramingava simulando dor, e seus golpes se voltaram mais ligeiros. Ele tinha que saber que não a estava machucando realmente.

Deteve-se e lhe pressionou a parte dianteira do corpo contra as costas, e o membro contra a cálida raia do traseiro.

– Gostou disso. - sussurrou-lhe Jake ao ouvido.

Ela assentiu com a cabeça, apesar que ele não necessitasse a confirmação.

– Faith, a travessa. - murmurou ele. - Terei que castigá-la por havê-lo desfrutado.

Ele se retirou e, logo, puxou o quadril até que Faith voltou a ficar recostada sobre as costas. Ela não pôde ver exatamente o que ele tinha em mente. Faith investigou com insistência e o encontrou: sua cabeça entre as pernas…

– Abra as pernas. - exigiu ele.

Oh, sim. Neste momento, ela viu exatamente o que ele queria. Dobrou os joelhos obedientemente e os separou, deixando-se ao descoberto tão abertamente como uma mulher podia fazê-lo.

Ele se moveu até ficar de joelhos entre suas pernas abertas e lhe olhou fixamente o sexo. Devolveu-lhe o olhar. Deus, se tão somente ela pudesse tocar esse magnífico membro.

Ele se agarrou a verga com uma mão, exatamente como ela acabava de imaginar-lhe - Farei que implore por isso. - disse ele.

Faith teve o reflexo de estender as mãos para alcançá-lo, e os músculos de

seus ombros protestaram de dor. Malditas ataduras. - Já implorei.

Um minuto mais e ela usaria a palavra segura para que a desatasse. E, então, saltaria-lhe sobre seu corpo.

Ele gemeu e, logo, soltou-se o membro e caiu para frente sobre ela. Deslocou grande parte de seu peso sobre os antebraços mas lhe esfregou o peito contra os sensíveis mamilos. E seu membro, oh, seu membro se pressionou perfeitamente contra seu sexo; a ponta lhe empurrou o clitóris. Ela tratou de mover-se debaixo dele, de meter com força o membro, mas os quadris de Jake a mantinham cravada à cama.

– Não a diga. - murmurou-lhe ao ouvido.

– O que?

– A palavra segura. Não diga a palavra segura.

Ah, ele o tinha percebido. Agora era ele quem rogava. Bem. - Se não me fizer gozar em menos de um minuto, vou gritar sua maldita palavra segura. - ameaçou ela.

– Me deseja tanto assim? - sussurrou ele.

Ela se retorceu enquanto tratava de lhe pressionar o membro contra ela com mais firmeza. - Sim. Por favor. Por favor.

Jake moveu os quadris, deslizou o membro lhe buscando o orifício.

Maldição. O pensamento de Jake a sobressaltou. Antes que pudesse perguntar o que ocorria, ele se levantou dela.

Quase tinha esquecido de colocar o preservativo. Algo do que nunca se esquecia.

Ela sorriu. Ao menos, ele estava tão enlouquecido pela luxúria como ela.

Só lhe levou um segundo encontrar a caixa. Ela escutou que o pacote se rasgava, e que o pacote laminado se enrugava. Logo, ele se encontrava sobre ela novamente, ereto, ardente e forte.

Encheu-a com um embate rápido e selvagem.

Ela gritou. Ele gemeu.

Deteve-se, deteve-se com o membro enterrado muito profundo dentro dela. Faith o sentiu ofegando contra seu pescoço. E a conexão entre eles se voltou até mais intensa. Seus pensamentos fluíram quase simultaneamente.

“Bom?”

“O melhor.”

“Sim.”

“Mete. Mete.”

“Assim?”

“Sim, sim!”

“Ela já nem sequer podia pensar. O duro embate do corpo de Jake sobre o seu se sentia muito bem.

Mas ela não precisava pensar. Ele sabia o que ela necessitava, sabia intuitivamente. Sabia exatamente como inclinar os quadris… a velocidade das investidas… a força com a que devia pressionar-se contra seus dolorido clitóris. Mordeu-lhe o lóbulo da orelha um instante depois de que ela imaginou. Faith envolveu as pernas ao redor das dele mal se formou dito pensamento na mente de

Jake.

E gemeram juntos, gemeram, ofegaram e gritaram, falaram-se com sons sem palavras e desavergonhados. Ela sentiu que se aproximava o orgasmo; o de Jake, já não podia notar a diferença. Não importava. Simplesmente não pare, não pare, não pare nunca…

Ela elevou o corpo contra ele de um empurrão, estendeu-se para ficar mais perto de seus palpitantes quadris, enquanto lutava por adaptar-se a seu impaciente ritmo. Cada embate a fez subir mais… cada vez mais perto. Ela abriu os olhos e viu que Jake jogou a cabeça para trás, que apertava a mandíbula com dor enquanto se movia.

Minha, pensou ele ferozmente. Minha. Sem pular nenhum embate, Jake afundou a cabeça e lhe mordeu o pescoço com força. Ela deu um agudo grito antes que sua dor se fundisse com a selvagem necessidade de Jake. A necessidade de marcá-la.

A excitação de lhe sentir o desejo, de levá-lo a níveis tão frenéticos, levava a ela mesma mais à frente do limite. Sua paixão explodiu em um orgasmo selvagem, e ele estava ali com ela, respondia-lhe cada espasmo e cada gemido. Faith o sentiu gozar, sentiu-o muito profundo em sua psique, em seus ossos, como se fosse parte dele. E ele era parte dela.

Gritaram, tremeram e estremeceram juntos enquanto a paixão se desvanecia e convertia em dolorosa satisfação. Jake se desabou sobre ela com um peso protetor. Deus, ela queria sustentá-lo.

Acariciou-lhe a dobra do pescoço com o rosto enquanto ambos ofegavam para tomar ar. Logo depois de um minuto, levantou a cabeça e a olhou de cima com uma expressão desconcertada e tenra no rosto.

– Wow. - disse ela.

E sorriu em direção a seu atraente rosto. “Disse-o”.

Ele se separou dela e lhe deixou o corpo brilhoso pelo suor. Ela sentiu que Jake mexia as gravatas que tinha ao redor dos pulsos. Seus muito doloridos pulsos. E seus braços se encontravam um pouco intumescidos; ela não podia baixar as mãos.

Esfregou-lhe os formigantes bíceps.

– Doem-lhe?

– Só um pouco.

– Espero que tenha valido a pena.

Ele se via preocupado. Ela sorriu e pendurou o braço sobre os ombros do Jake para aproximá-lo. - Sabe que sim, valeu a pena.

– Ainda me está lendo a mente?

Ela explorou gentilmente para verificar suas suspeitas. A conexão entre eles se dissipou. - Não.

Talvez só foi tão intensa porque se desejavam mutuamente tão desesperadamente. Mas não era desculpa para o que ela tinha permitido que ocorresse.

Faith lhe leu os pensamentos mais íntimos… em seus momentos de guarda baixa. - Devo-lhe uma desculpa, Jake. Lamento lhe haver lido a mente sem sua

permissão.

Ele sorriu e lhe acomodou uma mecha de cabelo detrás da orelha. - Obrigado mas, em realidade, eu a desafiei para que o fizesse. Então, não o fez contra minha vontade, por dizê-lo de algum jeito.

– Sim, mas tratarei de ter mais cuidado no futuro. Não quero invadir sua privacidade.

Jake lhe piscou os olhos um olho. - Atreveria-me a dizer que a invasão foi mútua.

– Acredito que é verdade.

A expressão do rosto do Jake ficou séria. - Não tenho medo de nada que possa ver em mim, Faith.

Ao jazer nesse lugar envolta pelo forte braço do Jake, Faith se sentiu a salvo e segura. - Eu também tratarei de não ter medo.

– Bem. - Ele deu a volta, afastou-se e jogou o preservativo ao lixo; logo, girou para voltar a enfrentá-la. Com uma cálida mão lhe acariciou o braço. - Tem frio?

Ela estava tremendo ligeiramente, mas não se deu conta. - Sim.

Jake jogou a colcha sobre seus corpos e, logo, abraçou-lhe a cintura. - Suponho que se já não pode me ler a mente, terei que recorrer a métodos mundanos como lhe falar para compartilhar meus pensamentos com você.

– Sim, terá que falar.

Jake passeou a mão ociosamente até o quadril de Faith. - Esta noite… ter a uma mulher forte e sensual a minha mercê… foi como um sonho feito realidade.

Ele realmente podia falar com uma doçura que desarmava. Ela sorriu contra seu ombro. - Era uma fantasia que nunca soube que tinha. - admitiu ela.

Ele se retirou ligeiramente, até que ficaram cara a cara. Via-se estranhamente sério. Sombrio. - Bom… foi genial, mas não é algo que eu gostaria de fazer sempre. Talvez às vezes, mas…

Sua voz se desvaneceu. Acaso estava tratando de lhe dizer que isto era uma aventura de uma só noite? Acaso estava tratando de encontrar um modo de desfazer-se dela?

Faith poderia lhe ler a mente para averiguá-lo, mas tinha prometido não fazê-lo sem seu consentimento. Posou-lhe um dedo sobre os lábios. - Não precisa inventar desculpas, Jake. Quer que vá agora?

Ele franziu o cenho. - Você quer ir-se?

A comunicação realmente era mais fácil quando se liam a mente mutuamente. - Não. Pensei que estava tratando de me mandar embora com delicadeza.

– Deus, não. - Jake sorriu. - Se pudesse me ler a mente, saberia que já estou pensando na próxima vez.

– Tinha que estar brincando. Ela se obrigou a não levantar a colcha e lhe olhar o membro. – Está preparado para outra vez?

Ele riu. – Ainda não. Me dê uma hora. - Jake lhe acariciou o braço, levou-lhe a mão para a boca e lhe beijou meigamente o dolorido pulso. – Serei tão gentil com você que se sentirá como uma virgem.

Deus, sim que era doce. Ela sentiu lágrimas sentimentais nos olhos. Devia

parecer uma idiota: sorria enquanto chorava.

Ele se retirou apenas até uma posição em que ela pudesse concentrar-se mais facilmente em seu rosto. – A respeito deste tema psíquico…

Ela esticou o corpo. Agora que já não lhe lia a mente, não tinha ideia do que podia esperar.

– Pensava que só se tratava de um jogo. - seguiu dizendo ele. – Que só eram truques. Palpites muito prováveis. Pensava que as pessoas acreditavam nisso porque queriam fazê-lo.

– E agora?

– Agora não sei o que pensar. - Ele tirou o cabelo dos olhos com uma mão e, logo, cavou-se a bochecha. – Mas sei que você tem um dom que não posso explicar.

Ao menos já não pensava que fosse uma charlatã.

– E sei que nunca tinha experimentado nada nem sequer remotamente similar ao que senti esta noite. - disse ele.

– Eu tampouco.

O cenho do Jake se enrugou. – Mas você pode ler a mente de outras pessoas em todo momento. A de outros homens.

Suas palavras evidenciaram tanto ciúmes que ela quase sorriu. – Eu nunca… - Faith sentiu que um rubor lhe acalorava a bochecha. – Nunca o tinha feito na cama.

Ele elevou uma sobrancelha: seu gesto cético de marca registrada.

– Sério. - assegurou-lhe ela. Ela não ia dizer-lhe quão única tinha sido sua conexão, ou que nunca lhe tinha resultado tão fácil ler a mente de alguém. Ou que nunca ninguém tinha lido a mente a ela. Não queria assustá-lo. - Geralmente, tenho muito mais controle.

Ele sorriu. - Então, realmente perdeu o controle.

Ela assentiu com a cabeça. - Jake… - Não queria lhe arruinar a ternura, mas tinha que saber. – Sobre o subsídio…

Ele a beijou: foi um rápido toque de calidez que lhe deteve o discurso. – Acaba de defender com acréscimo sua oferta, Faith. Demonstrou mais que rotundamente que as habilidades psíquicas, intuitivas, são reais.

– Não me deitei com você por isso.

– Sei. E ainda me preocupa a reputação da universidade. Mas não posso explicar o que ocorreu entre nós esta noite, e disso se trata a investigação. De estudar o inexplicável.

Devolveu-lhe o beijo. – Obrigada.

– Tenho que lhe perguntar algo. - Ele pareceu lutar com seus pensamentos por um momento. – Vive aqui em São Francisco?

Ele tinha sido tão sério e decidido que ela não esperava uma pergunta tão mundana. – Sim.

Jake lhe acariciou o braço. – Não fica muito longe de Monterrey.

E ele já tinha mencionado que ele vivia em Monterrey. – Não, é certo.

– Possivelmente venha à cidade mais vezes no futuro próximo.

Ela não estava segura o que pretendia com tudo isto mas lhe seguiria a

corrente. – Sério? Que bom!

– Então, a próxima vez que esteja na cidade, acredita que possivelmente gostaria que nos víssemos?

Acaso este era o homem que a tinha atado? Este homem que se via tão cuidadoso e lhe perguntava com tanto acanhamento se ela queria voltar a vê-lo?

– Não quero dizer para ter sexo. - disse ele rapidamente. – Bom… não só para ter sexo.

Ela riu. – Eu adoraria voltar a vê-lo. Para ter sexo ou para qualquer outra coisa que tenha em mente.

Ele sorriu com picardia. – Oh, estou pensando em muitas coisas. - Inclinou-se para aproximar-se e beijá-la profundamente.

Ela suspirou contra sua boca. – Nunca me aborrecerei com você, Jake.

Ele riu em tom grave. – Acaba de me ler a mente.

Quando se separaram seus lábios, uma vívida imagem lhe veio à mente. Jake de quatro, um menino loiro montado sobre suas costas, uns diminutos dedos que lhe puxavam o cabelo… e um bebê idêntico que estendia os braços em direção a ele e sorria enquanto Jake inclinava a cabeça e lhe posava um sensível beijo com gosto de framboesa no ventre.

A respiração de Faith falhou.

Gêmeos. Seus gêmeos.

Acariciou-lhe o ombro com o rosto para ocultar seu sorriso sonhador. Não, nunca se aborreceria com o Jake.

FIM

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES PRT PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Projeto Revisoras Traduções

Grupo Romances Traduzidos

http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/

Comunidade Romances S.A.

http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161